V ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA
COMUNICAÇÃO, HISTÓRIA E CIDADANIA: 30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ
Recife · Pernambuco · 2018

Apontamentos para uma história da imprensa escrita de Itabuna-BA[1]

Heleno Rocha Nazário[2]
Joseline Pippi[3]
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

Resumo

Este artigo reúne informações iniciais sobre a imprensa da cidade de Itabuna, no Sul da Bahia, com atenção para os jornais impressos. O ponto de partida é a situação do objeto em sua localização, histórico e cenário midiático. Em seguida, o foco se dirige aos resultados de levantamento realizado nos repositórios dos eventos nacionais e da região Nordeste do Encontro Nacional de História da Mídia (Alcar) e do Congresso de Ciências da Comunicação (Intercom) para listar a representação de estudos sobre as práticas e veículos de comunicação impressos de Itabuna e região nesses eventos. Finalmente, o trabalho lista tópicos de interesse para o registro de uma história da mídia impressa itabunense e para uma contribuição para com a história da mídia regional.

Palavras-chave

Comunicação, mídia impressa, imprensa interiorana, Itabuna.

Itabuna, sul da Bahia: apontamentos históricos e midiáticos

A cidade de Itabuna possui fortes vínculos com as primeiras levas de colonização portuguesa, com a cultura do cacau, a presença do trabalho escravo dos africanos e da população indígena, além da imigração de brasileiros advindos de outras regiões e também de estrangeiros. A produção cacaueira deu forte impulso ao povoamento do local, possibilitando o crescimento econômico não apenas da cidade, mas também da região. Albuquerque (2009) menciona a origem de Itabuna como um povoamento ligado à Vila de São Jorge dos Ilhéus, que entre 1534 e 1754 foi o centro da capitania hereditária de mesmo nome, depois incorporada à Capitania da Bahia. Inicialmente com o açúcar, depois ouro, prata, madeira e pedras preciosas, a região teve grande desenvolvimento com a cultura do cacau, a partir de 1746. Em 1881, Ilhéus foi elevada à condição de cidade, categoria

[1] Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia.

[2] Jornalista (UCPel), Mestre em Comunicação Social (PUC-RS), lotado na Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: helenonazario@ufsb.edu.br.

[3] Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), jornalista, Doutora em Extensão Rural (UFSM). E-mail: josipippi@ufsb.edu.br.

concedida a Itabuna em 1910, conforme Aquino (1999), após um período de discussão pública sobre a emancipação e a delimitação territorial. A proximidade e a animosidade até hoje se refletem nos apelidos jocosos que ilheenses ("papa-caranguejo") e itabunenses ("papa-jaca") usam para se referir aos vizinhos.

Ao final do século XIX e início do século XX, a produção cacaueira e a riqueza dos grandes proprietários rurais, os "coronéis", atraem migrantes, em especial sergipanos que buscavam oportunidades melhores. Bertol (2014) aponta que a fama de prosperidade, lastreada nos lucros com o "fruto de ouro" e o desenvolvimento material e cultural da região, conviveu com uma realidade violenta, de pobreza, exploração econômica e política. Ao lado dessa dicotomia, traço histórico comum a regiões interioranas durante os ciclos de monocultura, os produtores de cacau teriam se acomodado no manejo e cuidado com as lavouras, um tanto por desconhecimento e outro por arrogância. Depois de um histórico de altos e baixos e cerca de uma década de combinação de altos lucros, entre 1975 e 1985, adveio um período de dificuldades ligadas à queda dos preços, política cambial e a praga fúngica popularmente conhecida como "vassoura-de-bruxa", que assolou as áreas plantadas, como explica a autora:

> Esses elementos, em conjunto, foram responsáveis pela origem de uma grave crise, cujos resultados, do ponto de vista social, econômico e ambiental, apresentaram-se altamente danosos. Esse fungo, verdadeira bruxa montada em sua vassoura, veio varrer dos cacauais a inércia, a inépcia, o comodismo. As árvores centenárias estavam em seu limite de esgotamento, sinalizando para a renovação (BERTOL, 2014, p. 14).

A criação dos primeiros veículos impressos de comunicação na região cacaueira está, de forma direta ou indireta, ligada à oligarquia cacaueira, afirma Albuquerque (2009). Seja como fundador e diretor, seja como financiador, o cacauicultor foi o principal detentor do capital econômico necessário para a manutenção dos jornais que vão levar adiante as ideias da classe dominante, fazendo dessa difusão um outro pilar de seu poder político. O processo de separação entre Ilhéus e Itabuna provavelmente foi o primeiro capítulo dessa trama, protagonizada pelos jornais "Gazeta de Ilhéus" (1901) que teria sido o primeiro jornal regional; "A Voz do Povo" (1902-1903); e "A Lucta" (1903-1911):

> A "Gazeta de Ilhéus" e "A Lucta" foram responsáveis por alguns dos momentos mais tensos da história escrita regional quando se tornaram trincheiras de luta dos grupos antagônicos, que controlavam a economia e a política na região. Isso

> persistiu até a Gazeta acabar, em 1906, depois de sofrer vários atentados. Itabuna, então em luta por sua emancipação político-administrativa e servindo de palco real para a guerra iniciada entre famílias locais por posse de terras fronteiriças com Ilhéus, ganhou seus primeiros jornais no ano de 1905: "O Itabuna" e "O Labor", que também duraram pouco. Até 1910, Itabuna viu nascer e morrer mais cinco jornais, todos de cunho político. Em Ilhéus não foi diferente e entre 1912 e 1915 quatro jornais circularam, apesar de nenhum admitir o vínculo com o coronelismo (ALBUQUERQUE, 2009, p.4).

A Gazeta de Ilhéus foi um jornal em formato grande, bissemanal, que funcionou até 1906. Segundo Barbosa (2013), trata-se de um jornal político e noticioso que trazia como lema "tudo pelo povo e para o bem do povo" (BARBOSA, 2013, p. 213).

A ligação entre os jornais impressos e o poder no começo da imprensa itabunense descrita por Albuquerque encontra um paralelo com a proposição de Rüdiger (1993) sobre a formação da imprensa do Rio Grande do Sul. Identificando marcos temporais como indícios da alternância de práticas, Rüdiger aponta que o primeiro periódico gaúcho foi "O Diário de Porto Alegre", em 1827. As primeiras tipografias surgem a serviço das facções políticas. Considera-se que os primeiros jornais impressos formaram o cenário de debate intelectual em torno da Revolução Farroupilha, fazendo fermentar as ideias de sublevação. No entanto, tiveram pouco a contribuir para o fundamento de uma prática jornalística; essas folhas eram meio de difusão ideológica e combate entre facções, não se constituindo como participantes autônomos do processo de formação da opinião pública. Assim, sua sobrevivência estava ligada à movimentação política, estagnando-se as atividades após 1835. Muitos tipógrafos, para criar e manter os negócios, buscavam manter uma relação próxima com a elite política, colocando-se a serviço das facções.

> A sobrevivência do negócio tipográfico dependia de suas ligações com a práxis política, a ponto de haver uma confusão entre esta e a publicação de periódicos. Os tipógrafos não tinham residência fixa, mudavam-se de lugar para lugar, criando jornais uns em seguida dos outros, sem orientação política predefinida, ditada apenas pelas circunstâncias do momento e as oportunidades do negócio (RÜDIGER, 1993, p. 27).

Nessa fase inicial ainda não se poderia falar de prática jornalística, no conceito que se busca definir hoje. Imprimir um jornal era apenas uma prestação de serviços gráficos em prol da ideologia que pudesse pagar os custos e o lucro. É um alerta que tem ressonância com a observação já citada de Albuquerque (2009), e que certamente se replicou em outras regiões do Brasil.

Cabe destacar o grande lapso temporal existente entre a criação do primeiro periódico impresso da Bahia (*Idade d'Ouro do Brazil*, Salvador, 1811) e aqueles produzidos na Região Sul do estado: são 90 anos de diferença. Mesmo que o cenário à época fosse conturbado politicamente (no início dos oitocentos a impressão estava sob a cesura régia e necessitava de autorização oficial para existir), a tecnologia tipográfica fosse cara e houvesse escassez de mão-de-obra especializada, a região dispunha de condições econômicas mínimas para dispor de imprensa, veja-se a acumulação de divisas propiciada pela exploração cacaueira. Esse fato torna a história da imprensa na região ainda mais interessante, pois que em seus primórdios se desenvolveu de forma descolada do centro político da província (Salvador).

Sobre a ligação entre o meio jornal e a disputa pela liderança política, aliás, encontra-se uma interessante observação no seminal trabalho de Marshall McLuhan, "Os Meios de Comunicação como extensões do Homem". No capítulo *Press: Government by news leak*, em que analisa a imprensa como uma das próteses desenvolvidas pelo ser humano, McLuhan expõe como o jornal comunal é importante para a democracia por conseguir representar o fragmentado governo como uma única vontade, em forte relação dos setores entre si e com a nação. Trata-se do paradoxal fato de que, ao mesmo tempo em que a imprensa se afirma dedicada ao processo de dar publicidade para fiscalizar o governo em prol da sociedade, há muitos fatos que permanecem ocultos, desconhecidos e não-discutidos.

> O secreto é transformado em participação pública responsabilidade pela flexibilida-de mágica do fluxo controlado de notícias. […] A imprensa, em si mesma, apresenta a contradição de uma tecnologia individualista dedicada a moldar e revelar atitudes grupais (McLUHAN, 1994, p. 212).

Isso indica que McLuhan avalia a função comunal da imprensa como mosaico do cotidiano e, por sua proximidade com as experiências comunais e individuais, um meio confessional que forma e revela posturas atitudinais dos indivíduos conforme um relato orientado pelo tempo. O governo por meio do fluxo/vazamento de notícias significa que se tomaria partido do aspecto fragmentário do jornal e do impresso para ir moldando representações de pessoas, corporações, governos e temas. Em que pesem a forma aforística que McLuhan emprega na obra e a ênfase na descrição do meio em lugar de analisar um caso, é útil relacionar aquela descrição com os contextos de uso dos jornais impressos como

descritos por Rüdiger e Albuquerque, reforçando a partir daí o valor dos periódicos alinhados a facções políticas como canais da difusão de argumentos e ideias junto às camadas letradas da sociedade.

Voltando a tratar da imprensa itabunense, o jornalista Ramiro Aquino, em seu "De Tabocas a Itabuna: 100 anos de Imprensa", combina registros de veículos de comunicação na cidade com memórias profissionais e contribui para com a história da mídia local ao apontar datas, títulos, personagens e breves apontamentos sobre jornais, emissoras e programas de rádio e televisão. A obra mescla pesquisa documental, incluindo acervos particulares, relatos de terceiros e lembranças pessoais.

Aquino inicia o registro um pouco antes da elevação de Itabuna à condição de cidade, em 1910, recorrendo a outros autores locais. Por volta de 1897 teria circulado um jornal com o título "A Platéia", de tiragem e formato pequenos. Em 1905 surgiram os jornais "O Itabuna", dirigido pelo tipógrafo Pitágoras de Freitas e pelo comerciante Júlio de Paiva, e "O Labor", fundado pelo líder político coronel Paulino Vieira do Nascimento e por Antônio Batista de Oliveira, com direção inicial pelo farmacêutico Arthur Nilo de Santana e, depois, adquirido por Mares de Souza e dirigido por Flávio Batista de Oliveira.

Mais tarde, em 1908, o coronel Paulino Vieira fundou um segundo título: "O Democrata", que aparentemente deixou de circular por volta de 1913, hipótese devida à falta de registros da circulação do jornal após aquele ano, como aponta Aquino (1999, p. 20). É de "O Democrata" um exemplar de edição feita em tecido como homenagem à posse do governador baiano José Joaquim Seabra, em 29 de março de 1912. O jornal "O Itabuna 2º", também criado em 1908, circulou durante pouco tempo e foi fundado pelo engenheiro Olintho Leone, tendo como redatores os advogados Júlio Virgínio de Santana e Laudelino Lorens.

Aquino destaca que não encontrou registros de outras publicações na fase pré-citadina de Itabuna, mas afirma que isso não basta para descartar a existência de outros impressos. Ainda de acordo com ele, a periodicidade dos jornais dessa época não era regular, podendo ter meses de hiato entre as edições (1999, p. 20). Na falta de mais dados, pode-se destacar como motivos a utilização dos jornais como instrumentos de disputa política e os custos, processos e meios de produção disponíveis.

A contar de 1910 até 1997, Aquino lista dados iniciais e variados de 76 jornais e 22 *house organs* produzidos em Itabuna. Dentre aqueles, há uma categoria de "jornais

críticos", classificação feita por Aquino para sinalizar veículos que tiveram a característica de satirizar fatos e personagens da política, denunciar, polemizar e causar alvoroço com estilo ácido e humorístico. Surgidos no período entre as décadas de 1920 e 1940, esses títulos eram produzidos e entregues por baixo das portas das casas e eram bastante procurados. "Não se tratava de 'imprensa marrom', pois não procurava obter vantagens com as notícias que divulgava, mas que incomodava, não havia dúvida..." (AQUINO, 1999, p. 45). Estão nessa categoria os jornais "O Sapeca" (fundado aproximadamente em 1915), "O Trombone" (1922), "O Pharol" (1925), "O Echo" (1925), "O Gavião" (1928), "De Tudo Um Pouco" (1943) e "O Político" (1947).

Aquino prossegue com uma segunda categoria, a dos "principais jornais", que dá nome a um dos capítulos do livro. Os critérios indicados para a seleção são baseados "na longevidade da circulação, na importância histórica, na qualidade e na reputação dos seus fundadores e redatores, dentre outros fatores relevantes (AQUINO, 1999, p. 49). Integram a lista os jornais "A Época" (1917-1956/1958), "O Dia" (1920-1924), "O Jornal de Itabuna" (1920-1938), "O Intransigente" (1926-1958), "A Voz de Itabuna" (1949-1957), "A Terra" (1952-?), "Diário de Itabuna" (1957-1995), "SB Informações e Negócios" (1965-1979). Pelos apontamentos de Aquino, percebe-se que há a transição entre perfis de fundadores e gestores desses jornais considerados mais relevantes. Parte-se do tipo líder político, não raro um dos coronéis, no início do século XX, e chega-se gradualmente ao tipo empreendedor, com nível variado de experiência no jornalismo. Em alguns casos, o empreendedor começou na época do jornal como veículo de grupo político. Parece ser este o caso de Ottoni José da Silva, que começou como aprendiz de tipógrafo no "O Intransigente", jornal da família Alves, e fundou depois o "Diário de Itabuna" e a emissora Rádio Clube (1956), firmando-se como um personagem de destaque no cenário midiático itabunense.

Com a categoria descrita no capítulo "Jornais Hoje", Aquino indicou os títulos em circulação no final dos anos 1990. Eram cinco os jornais: "Jornal Oficial" (publicação fundada pela prefeitura de Itabuna em 1º de maio de 1931), "Tribuna do Cacau" (diário com o primeiro exemplar datado de 28 de julho de 1964, e encerrado em algum momento nos anos entre os anos 2000 e 2010); "Agora" (28 de julho de 1981, ainda em circulação); "A Região" (27 de abril de 1987, em circulação até hoje); "Folha Regional" (1995-?), sobre o qual se destaca o fato de Aquino afirmar que não teceria comentários sobre esse título por

se tratar de "veículo considerado polêmico" (1999, p. 70); "Diário do Sul" (4 de maio de 1999 - ?). Aquino também cita jornais do sul da Bahia, como o jornal "Tabu" (25 de maio de 1968 – 25 de abril de 2018), que circulou por quase 50 anos no município de Canavieiras, e Diário da Tarde (10 de fevereiro de 1928 -?), fundado em Ilhéus.

Capítulos à parte do livro de Ramiro Aquino estão reservados para a imprensa radiofônica e televisiva. Apesar de não integrarem o foco deste artigo, indica-se os nomes e as datas desses veículos que fazem parte do histórico das mídias itabunenses e regionais, conforme constam na obra citada. Quanto ao rádio, o autor relaciona o pioneirismo do serviço de alto-falante do Serviço Regional de Publicidade Comercial (SRPC), criado pelo rádio-técnico Mário Caldas em algum momento não precisado entre as décadas de 1940 e 1950. As emissoras radiofônicas em Itabuna estão presentes desde 20 de outubro de 1956, com a primeira transmissão da Rádio Clube de Itabuna. Seguiram-se a ela a Rádio Difusora de Itabuna (21 de abril de 1960), a Rádio Jornal de Itabuna (27 de outubro de 1963), todas no sistema AM, a Rádio Musical FM (28 de novembro de 1980), a Rádio Morena FM (6 de dezembro de 1987) e a Rádio 102 FM Sul (1º de dezembro de 1995). A imprensa televisiva está representada na cidade e região pela Tv Cabrália (antes afiliada à Rede Manchete, atualmente afiliada à Rede Record), inaugurada em 12 de dezembro de 1987, e pela TV Santa Cruz (afiliada à Rede Globo), inaugurada em 5 de novembro de 1988.

Presença em diferentes repositórios

A consulta aos repositórios da Rede Alfredo de Carvalho de História da Mídia (Alcar) resultou na constatação da pouca presença de trabalhos apresentados sobre a história da mídia e seu desenvolvimento na Região Sul da Bahia. Os registros do evento regional de 2010, quando foi realizada a primeira edição do Encontro Regional de História da Mídia do Nordeste, sediada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), não estão disponíveis para consulta online, e por isso não constam desse levantamento. Não foram encontrados trabalhos versando sobre a imprensa e a mídia de Itabuna da segunda à quarta edição desse evento regional.

No início da construção da Rede Alcar, de 2003 a 2009 os eventos nacionais ocorriam anualmente. A partir dali, com a organização dos eventos regionais em mais regiões do Brasil, foi convencionado o calendário no qual os eventos nacionais e regionais

ocorrem em alternância e a cada dois anos. Atualmente, os eventos regionais ocorrem em anos pares, e os nacionais nos ímpares.

A primeira edição do evento nacional da rede Alcar ocorreu de 1º a 3 de julho de 2003, no Rio de Janeiro, organizado conjuntamente por ABI, ABL, ABECOM, INTERCOM, UERJ e UniCarioca. A segunda edição foi sediada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, de 15 a 17 de abril. Em 2005, o Centro Universitário Feevale, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, sediou o 3º Encontro Nacional da Rede. A quarta edição do evento nacional ocorreu de 30 de maio a 2 de junho de 2006, organizado pela AMI, a Faculdade São Luís, a UNICEUMA e a UFMA em São Luís/MA, com o tema "Imprensa 200 Anos - Memória Maranhão". Nessas edições, não se encontrou nenhum trabalho relativo à imprensa escrita de Itabuna.

Na quinta edição, realizada entre 31 de maio e 02 de junho de 2007 na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo/SP, com o tema "Mídia, Indústria e Sociedade: desafios historiográficos brasileiros", não há nenhum trabalho versando sobre a imprensa escrita de Itabuna. Em 2008, o sexto Encontro Nacional de História da Mídia foi sediado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói/RJ, de 13 a 16 de maio de 2008, com o tema: "200 anos de mídia no Brasil - Historiografia e Tendências". Nota-se, além da participação da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus) e da Faculdade de Tecnologia e Ciência (Itabuna), a presença de trabalhos produzidos por pesquisadores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). No caso da UESB, os focos dos trabalhos são a investigação de uma impressão calcográfica feita em 1806 – antes, portanto, da chegada da família real e durante a proibição da impressão no Brasil – e a ligação dos jornais de Vitória da Conquista a partidos políticos.

Um dos trabalhos apresentados versa sobre uma emissora de rádio em uma pequena comunidade de Ilhéus. O artigo “A mídia dos pobres - o rádio e a formação de opinião das populações de baixa renda – estudo de caso no sul da Bahia” é assinado por Abel Dias de Oliveira (FTC), Pedro de Albuquerque Oliveira (Faculdade Social da Bahia) e Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque (UESC). O tema é discutir os resultados de pesquisa de opinião feita junto aos moradores de Vila Juena, ao norte de Ilhéus, a respeito do consumo do rádio como fonte de informações e conteúdo. Eliana de Albuquerque (UESC) também participou do trabalho “Observações sobre a História do Jornalismo na Região Cacaueira da Bahia”, em co-autoria com Marlúcia Mendes da Rocha (UESC). Trata-se de

uma revisão histórica da formação dos meios de comunicação do sul da Bahia sob a influência financeira e política dos grandes cacauicultores, os coronéis locais, como forma de compreender a situação de subserviência da imprensa regional aos poderosos e a violência dirigida aos jornalistas que criticam o status quo.

Um terceiro trabalho com a assinatura da pesquisadora Eliana de Albuquerque, desta vez ao lado de Abel Dias de Oliveira, aborda o perfil dos comunicadores da região de Ilhéus e Itabuna. Com o título "Perfil dos profissionais que fazem o conteúdo jornalístico impresso no Sul da Bahia", o texto expõe uma recuperação do que se registrou a respeito da imprensa regional e parte dessa contextualização para abordar a formação, as rotinas, a conduta editorial e as condições de trabalho dos jornalistas nos veículos impressos.

Da sétima à undécima edição do Encontro Nacional de História da Mídia não foram encontrados trabalhos versando sobre a imprensa escrita de Itabuna. A situação tende a se repetir nos eventos regionais e nacionais do Congresso de Ciências da Comunicação (Intercom). Nas buscas realizadas nos repositórios das edições de 2017, 2016, 2015 não foram encontrados trabalhos sobre a imprensa escrita de Ilhéus ou Itabuna, mesmo que com um recorte contemporâneo. Considerou-se a busca em todas as Divisões Temáticas. Quando o título do trabalho suscitava dúvidas quanto à região ao tema, abriu-se o arquivo. Nas edições nacionais, no período de 2017 a 2007, o resultado foi o mesmo.

As pesquisas apresentadas no evento Ciclo Históricos, promovido em 2009 pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), por outro lado, contam com trabalhos disponíveis para consulta online e, dentre eles, há estudos nos quais a imprensa itabunense é o objeto principal. No artigo "Coronelismo, Jornalismo e Relações de Poder no Sul da Bahia", Eliana Cristina Albuquerque (2009) apresenta dados sobre a lógica de subjugação financeira e editorial da imprensa desde o início do século XX na região de Ilhéus e Itabuna. O concerto social e econômico é brevemente exposto desde o início da ocupação colonial do território, no século XVI, com as sucessivas explorações de monocultura de açúcar, cacau e busca por ouro, madeiras, pedras. A imensa riqueza que o cacau trouxe para a região fomentou o acirramento das disputas por poder, e essa dinâmica, para Albuquerque (2009, p. 3) faz com que os primeiros jornais de Itabuna sejam criados no século XX, em sincronia com a discussão pela delimitação dos territórios de Ilhéus e Itabuna e a elevação dessa última à categoria de cidade, com a finalidade de defender interesses de lideranças políticas em conflito.

Mariella de Oliveira A. Moreira, no artigo "A imprensa itabunense no contexto da Ditadura Militar (1964-1978): Aportes teóricos e prospecção de fontes", focaliza a posição do jornal Diário de Itabuna durante a ditadura de 1964-1985 a partir da sua produção, e argumenta que a imprensa local manifestou posição anticomunista e em apoio à deposição de João Goulart desde antes do golpe de estado.

Tópicos a pesquisar

O contexto esboçado até aqui indica uma base prévia importante para novas pesquisas. Já é possível encontrar os dados referentes à criação e o encerramento de veículos de comunicação grapiúna e mais alguns trechos de suas trajetórias no livro de Ramiro Aquino, mas ainda está por se fazer um resgate aprofundado dos históricos desses impressos e de suas contribuições para os debates em determinadas épocas da cidade.

Por exemplo, há necessidade de mais estudos que tomem as empresas jornalísticas, seus produtos e rotinas como objetos. É possível realizar mais trabalhos voltados para o registro dos veículos de imprensa em relação às linhas editoriais seguidas, à formação das sociedades das empresas, capacidades produtivas e rotinas adotadas, audiências, ligações com grupos sociais e políticos, dentre vários outros tópicos que ajudam a caracterizar essas empresas como negócios e como fontes de sentidos para o imaginário local. Essas descrições servirão como bases para outras pesquisas com foco nas mensagens, nos emissores, na recepção e nas formas midiáticas.

É instigante examinar os âmbitos dos sentidos emitidos, dos suportes empregados, dos produtores e dos consumidores das informações na imprensa grapiúna, no mesmo grau de relevância de outros contextos da imprensa interiorana. Essas investigações vão se ligar ao entendimento das composições e dos fluxos que alimentam os imaginários sobre a cidade, as matrizes produtivas, os problemas existentes e os grupos sociais. Embora não se possa falar em ausência de pesquisas nas áreas de História e Geografia, muito pelo contrário, há carência de mais análise do ponto de vista que exponha o papel dos circuitos comunicacionais na composição do cenário.

Um exemplo é a Comissão Executiva para o Planejamento da Lavoura Cacaueira, a Ceplac, hoje departamento do Ministério da Agricultura e Abastecimento, com direção geral localizada em Brasília, Distrito Federal, e superintendências nos estados do Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Pará e Rondônia. Criada em 20 de

fevereiro de 1957, a Ceplac concentra as funções de pesquisa, ensino agrícola e extensão rural. Sua prioridade inicial era a cultura do cacau, então em crise. Atualmente, o departamento incorpora outras linhas de atuação, como a diversificação horizontal e vertical de culturas, a produção agroflorestal que mantenha os remanescentes da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica e a recuperação da economia cacaueira após o problema da vassoura de bruxa, praga que afetou seriamente a capacidade produtiva e a geração de riqueza na região nos anos 1980.

O caso da Ceplac chama a atenção em alguns aspectos. O primeiro deles é a sua participação na narrativa jornalística sobre a crise provocada pela praga da vassoura de bruxa, uma história contada em veículos de abrangência local, estadual e nacional. Em decorrência desse fluxo comunicacional, naturalmente se pode investigar o status atual da Ceplac no imaginário local, dentre outras questões relevantes. Outro tópico é a própria produção comunicacional do departamento, que incluiu jornais impressos, programas de rádio e hoje conta com um portal na web. Os públicos visados, os objetivos pretendidos e alcançados e outras definições ligadas à comunicação organizacional se relacionam, também, com a composição de um histórico na imprensa itabunense, ajudando a montar o mosaico de sentidos sobre o cacau no imaginário.

A forte ligação da imprensa interiorana com a dinâmica social e política da sua cidade significa a interdependência de sua liberdade e prática editorial com o estado de avanço ou estacionamento das ideias, a capacidade econômica e de organização temática de diferentes grupos, os temas polêmicos, o grau de independência e de adesão a pontos de vista dos responsáveis pela produção e gestão do jornalismo local. Os posicionamentos expostos nos diferentes assuntos da vida do município, a condução comercial do veículo e sua conexão com as rotinas produtivas noticiosas são algumas das definições feitas pelos proprietários após certo tipo de cálculo que incorpora influências do ambiente em que o veículo existe e influxos da história dos proprietários e editores (não raro, papéis desempenhados pela mesma pessoa): formação curricular e jornalística, história de vida, propensões intelectuais. Algumas decisões comerciais e editoriais mais avançadas podem ser adotadas independentemente do porte empresarial; em alguns casos, um jornal do porte "quase artesanal", para aderir à definição proposta por Bueno (2013), pode ser mais eficaz na permeabilidade das linhas fronteiriças que um jornal da "imprensa local consolidada", como o caso dos jornais Folha de São Borja e Unión pôde demonstrar (NAZÁRIO, 2017).

Como efeito da produção noticiosa tem-se a contribuição para o registro dos temas sobre os quais as pessoas falavam, e dos posicionamentos expostos nos jornais, ao recordar o alerta de Robert Darnton (2009). E há muito o que investigar, como a composição de editorias dos jornais locais. Nota-se, informalmente, que os veículos atualmente não mantêm uma editoria Rural, e indaga-se sobre os motivos dessa ausência. São diferenças em relação ao que se observa em jornais do Rio Grande do Sul, nos quais essa editoria é bastante presente, muito devido ao fato da matriz agrária da economia daquele estado. Como a produção cacaueira, que foi o principal motor da região, deixou marcas nos registros noticiosos na imprensa de Itabuna nos períodos pré- e pós-vassoura de bruxa? A estrutura local de poder, antes firmada nos coronéis do cacau, certamente se alterou, e pistas dessa mudança podem ser encontradas nas edições dos jornais.

Outros tópicos de interesse, como apontados nos trabalhos de Aquino (1999) e Oliveira (2009), dizem respeito aos posicionamentos, conteúdos e relatos do período da ditadura militar com foco nos personagens e veículos de comunicação locais, bem como os registros que se possa coletar acerca dos tons que o imaginário local conferiu aos momentos chave e ao cotidiano naquela época. Há aí a interface com objetos de pesquisa de outras áreas e uma possível contribuição para a memória e a compreensão daqueles tempos na cidade e no país com o olhar voltado para os processos e ferramentas comunicacionais empregadas para difundir o regime e, talvez, para contestá-lo.

Finalmente, por meio do estudo regular e longitudinal dos jornais impressos itabunenses é possível construir linhas de tempo de posicionamentos, sentidos e vozes (as presentes e as silentes) em temas como a saúde, gênero, raça, classe social, infraestrutura e cotidiano da cidade, as porções do imaginário social que são veiculadas e valorizadas. Os resultados serão valiosos para contribuições com outras pesquisas em diversas áreas, além de servir a um tempo como acréscimos para uma história da imprensa de Itabuna e região e subsídios para o debate acerca dos jornalismos praticados e dos jornalismos possíveis.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Cristina. Coronelismo, Jornalismo e Relações de Poder no Sul da Bahia. In: CICLOS HISTÓRICOS, Ilhéus, 2009. **Anais eletrônicos**... Ilhéus: UESC, 2009. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/eliana_cristina_albuquerque.pdf>. Acesso em: 29.abr.2018.

AQUINO, Ramiro Soares de. **De Tabocas a Itabuna – 100 Anos de Imprensa**: Uma breve história da imprensa de Itabuna a partir de 1897 até nossos dias. Ed. Ágora: Itabuna, Bahia, 1999. 250p.

BARBOSA, Carlos Alberto Arléo. **Notícia Histórica de Ilhéus.** 5. Ed. Itabuna, BA: Via Literarum, 2013

DARNTON, Robert. **A Questão dos Livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

McLUHAN, Herbert Marshall. **Understanding media: the extensions of man**. Cambridge: MIT Press, 1994.

MOREIRA, Mariella de Oliveira A. A imprensa itabunense no contexto da Ditadura Militar (1964-1978): Aportes teóricos e prospecção de fontes. In: CICLOS HISTÓRICOS, Ilhéus, 2009. **Anais eletrônicos** ... Ilhéus: UESC, 2009. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/mariella_de_oliveira_moreira.pdf>. Acesso em: 29.abr.2018.

NAZÁRIO, Heleno Rocha. **Notícias da Travessia: o status fronteiriço nos jornais Folha de São Borja (BR) e Unión (AR)**. 280f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A Região Cacaueira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa**: saga, percepção, representação. Ilhéus: Editus, 2014. 254p.

RÜDIGER, Francisco Ricardo.**Tendências do Jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.